



EDUCAÇÃO POPULAR, MERCANTILIZAÇÃO DA CIDADE E RESISTÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

O “Dossiê Educação Popular, Favelas e Periferias: mercantilização da cidade e resistências” é proposto em pleno contexto de crise sanitária, econômica e política que atinge de maneira mais crítica as favelas e periferias urbanas. Diante disso, é fundamental ampliar as discussões sobre o modelo de cidade-mercado, compreendendo como os diferentes níveis de acesso aos serviços de saúde, a violência urbana, a segregação espacial, e a retirada de direitos sociais impõem uma onda de retrocessos à classe trabalhadora. A pandemia da Covid-19 evidenciou ainda como o Estado não apenas foi omissivo em relação às ameaças à saúde da população, mas também segue reproduzindo uma “política de morte” e negacionista contra aqueles que sofrem com a precarização das suas vidas. A criminalização da pobreza e o racismo estrutural marcas características da necropolítica praticada nos territórios favelados são potencializados pelo genocídio em curso durante a pandemia.

Ainda que inicialmente fosse comum o discurso que apontava para a Covid-19 como uma doença supostamente “democrática”, pois atingiria igualmente as diferentes classes sociais, rapidamente foi possível observar uma periferização da pandemia. O Boletim Observatório Covid-19 da Fiocruz aponta como, apesar da subnotificação, da pouca quantidade de testes e dos limites na produção de informações nas favelas, a gravidade dos casos e a letalidade da doença apresentam maior magnitude (Fiocruz, 2020, p. 17). Tal fenômeno está vinculado à densidade demográfica, às condições de trabalho, a dificuldade de acesso à água e aos serviços de saúde, dentre outros fatores.

Diante de tal contexto dramático, acreditamos ser importante discutir também sobre a capacidade de organização demonstrada pelos movimentos populares nas favelas e periferias. Nesse sentido, a educação popular ganhou força nas ações comunitárias de enfrentamento à pandemia. Em diferentes territórios, foram realizados mutirões de comunicação comunitária, comitês populares de saúde e ações de apoio mútuo entre trabalhadoras e trabalhadores. Tais iniciativas de educação popular se contrapõem ao modelo de cidade mercantilizado, assim como às práticas “bancárias” de educação em saúde. Em sentido distinto das práticas de saúde

verticalizadas e curativas, estes movimentos dialogam sobre os cuidados em saúde a partir do contexto específico das favelas e periferias, buscando transformar as condições desiguais de vida. Estas ações envolvem educadores dos mais distintos espaços: profissionais de saúde do SUS, professores, lideranças comunitárias, membros de coletivos e movimentos sociais.

É preciso compreender ainda que tais iniciativas estão assentadas nas resistências históricas da classe trabalhadora nesses territórios. Nesse sentido, faz-se necessário discutir sobre as organizações comunitárias existentes, como associações de moradores, cooperativas, ocupações sem-teto, pré-vestibulares comunitários, dentre outros espaços de auto-organização dos trabalhadores e trabalhadoras.

Nesse sentido, o dossiê traz artigos que abordam mapeamentos das iniciativas de educação popular e de movimentos sociais; outros que contam das dores e resistências nas favelas e periferias, mobilizando poesia, música, a estética das mulheres, as múltiplas formas de organização popular.

O artigo “Pré-Vestibulares Populares no Estado do Rio de Janeiro: quantos são e qual perfil possuem esses projetos?”, de Angela Cristina da Silva Santos, apresenta o processo de mapeamento de pré-vestibulares populares no Estado do Rio de Janeiro realizado em 2019 e 2020, buscando discutir criticamente sobre o perfil destes prés.

Trazendo a discussão para o contexto específico das lutas travadas no Morro da Providência, favela da área central do Rio de Janeiro, o artigo “Educação libertária e luta popular na primeira favela” de Guilherme Santana, apresenta o histórico do Pré-Vestibular Comunitário Machado de Assis, ancorado teoricamente nos pressupostos da educação libertária e da educação popular.

Outro artigo que aborda o histórico das lutas na região central do Rio de Janeiro é “Zumbi dos Palmares: morte e vida de uma ocupação sem-teto na área portuária do Rio”, de Pedro Guilherme M. Freire. Tal texto busca pensar o conceito de cidade a partir de uma etnografia dos modos de habitar em uma ocupação sem-teto na cidade do Rio de Janeiro, utilizando-se das narrativas e da literatura como fontes principais.

Um artigo que também mobiliza os aspectos estéticos da vida comunitária é o artigo de Caroline Lucena, intitulado “Família acima de tudo, Comunidade acima de todos: matricentralidade no movimento comunitário como experiência de criação e resistência no Complexo do Alemão.” A autora aborda os aspectos cosmológicos vinculados à centralidade das mulheres negras na Escola Quilombista Dandara de Palmares, da qual ela é uma participante ativa.

Outro artigo escrito por uma mulher favelada diretamente envolvida nas mobilizações comunitárias é o artigo de Gizele Martins, chamado “Pandemia e histórico abandono social: favelas se auto organizam com objetivo de salvar vidas”. O artigo discute a histórica ausência de direitos vivenciada pela população favelada e periférica do Rio de Janeiro, assim como as soluções encontradas pelos movimentos de favela diante da pandemia da Covid-19.

Também voltado para a discussão sobre os movimentos de favela na pandemia, o artigo “Educação Popular em Saúde na pandemia da Covid-19: mapeamento das ações de movimentos populares”, de Caio Oliveira da Silva, analisa as ações de Educação Popular em Saúde, tendo como foco as concepções de educação em saúde mobilizadas.

Trabalhando também na interface entre educação popular e saúde, Fabiana Melo Sousa, no texto “‘É como se aqui não tivesse pandemia’: reflexões sobre a pandemia por COVID-19 em favelas cariocas”, desenvolve, em parceria com organizações de favela, através uma metodologia de formação de Comunidades Ampliadas de Pesquisa-Ação, que procura interpretar, a partir com a interação com moradores, o porquê de, nesses territórios, a população parecer atribuir relativamente pouca importância para a epidemia, procurando interpretar a situação a partir de sua complexidade imanente.

No artigo “Aspectos para a contribuição do conceito de educação popular a partir da experiência do cursinho pré-vestibular Alicerce 23”, Alexandra Maciel Veiga e Mirian Letícia Mazzardo Dantas partem da experiência do pré-vestibular comunitário, desenvolvido em uma ocupação na periferia de Curitiba, para refletir acerca das possibilidades de desenvolvimento de uma “educação para além do capital”, trabalhando, para tal fim, os conceitos de educação popular e de *habitus*.

Desde uma perspectiva marxista, Andrea Monteiro Dalton e Eblin Farage, no artigo “Extensão universitária e periferias: reflexões sobre experiências de educação popular e seus desafios”, procura analisar experiências extensionistas universitárias para refletir acerca das possibilidades de essas ações contribuírem para, em perspectiva de educação popular, a ampliação do direito à cidade por parte da população mais pobre, o combate às desigualdades e a efetivação do papel das universidades como referência social.

Brenda Ramalho, no artigo “Gestão pública no contexto pandêmico e a intensificação de desigualdades socioeducacionais”, tem como objetivo refletir sobre a atuação do Poder Público frente à repentina necessidade de adaptação das instituições de ensino com o avanço da pandemia de COVID-19.

Alexandre Dias da Silva e Sinésio Jefferson Andrade Silva desenvolvem, no artigo “Como será o amanhã? Música e polícias educacionais compensatórias”, uma análise da

proposta de duas escolas de tempo integral da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, localizadas em regiões periféricas da cidade, a partir das possibilidades e limites do trabalho pedagógico com música, concluindo criticamente sobre a desconexão entre o currículo e regular e as atividades de contraturno.

No artigo “Projeto saúde habitacional: contribuições práticas para melhorias habitacionais em contexto de pandemia”, os autores Cleuber da Silva Junior, Renan Grisoni e Ivan Rocha, apresentam o histórico e os resultados do projeto Saúde Habitacional.

Em “A disputa pela educação nas favelas: Analisando a atuação da Fundação Lemann”, Lisia Cariello busca compreender as ações diretas e indiretas da Fundação Lemann (FL), compreendida como aparelho privado de hegemonia empresarial (APHE), para as favelas.

Edvan Miranda e Rubens Teixeira em seu artigo, “A frente papa goiaba: Um movimento de promoção aos direitos da juventude negra em Niterói São Gonçalo”, pretende discutir a importância da Frente Papa Goiaba de Promoção de Direitos da Juventude Negra para a inserção da juventude negra no mercado de trabalho.